



Traduções do teatro simbolista em uma aula de francês instrumental

Áreas: Letras e Artes

Beatriz Moreira Anselmo¹, Gustavo Felipe Freitas dos Santos²

¹Prof. Depto de Letras Modernas– DLM/UEM, contato: bmanselmo@uem.br

²Bolsista do Programa de Integração Estudantil da UEM, contato: ra119509@uem.br

Resumo. Este trabalho tem como objetivo analisar as divergências nas traduções realizadas por alunos durante uma oficina de instrumental de leitura em língua francesa, tendo como objeto de leitura um fragmento do texto dramático "La mort de Tintagiles", de Maurice Maeterlinck (1862-1949). O trabalho procura mostrar as escolhas tradutórias e as dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante o processo de tradução, revelando a influência de fatores como compreensão do texto original, nível de proficiência e estratégias de tradução adotadas. Os resultados mostram que as divergências não apenas refletem o tratamento da complexidade do texto, concernente a seus níveis semânticos próprios do signo literário, mas também a diversidade de interpretações pessoais, contribuindo para a discussão sobre o ensino instrumental de línguas e a riqueza do texto dramático para a formação da competência leitora. A análise final propõe reflexões sobre como essas práticas podem aprimorar o aprendizado em francês.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de línguas. Drama. Leitura.

1. Informações gerais

O Prointe (Programa de Integração Estudantil) é um projeto de ensino e extensão que visa promover ações pedagógicas integrando professores, estudantes e a comunidade externa. O programa oferece preceptorias e oficinas de apoio em várias áreas do conhecimento, como a oficina de instrumental de leitura em francês, que ensina estratégias de leitura de textos nesse idioma. A metodologia empregada visa o desenvolvimento de leitores autônomos, capazes de ler, interpretar e traduzir diferentes textos, mesmo sem haver um domínio completo da língua.

2. O instrumental de leitura

Quando falamos em ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, há uma grande gama de caminhos metodológicos possíveis, cada qual com suas especificidades. O francês como instrumental de leitura é uma abordagem que prioriza fornecer ao aprendiz ferramentas para o desenvolvimento de uma autonomia na sua interação com textos escritos nesse idioma, possibilitando assim a aquisição da competência leitora. Segundo Abreu (2018), a metodologia de ensino de instrumental de leitura surgiu na América



Latina, tanto como uma reação à perda de espaço da língua francesa no ensino básico, quanto como uma iniciativa de divulgar os saberes científicos e propor uma troca entre a França e os países latino-americanos sobre os avanços tecnológicos dentro das universidades.

Os gêneros de texto trabalhados no ensino instrumental são variados, desde artigos jornalísticos a fábulas. Em seguida, trataremos do porquê da escolha do texto dramático como gênero trabalhado e traduzido em contexto de sala de aula.

3. O texto literário e o teatro

Ainda há muito a se discutir sobre o uso de textos literários como ferramenta de ensino atrelada à metodologia de ensino de instrumental de leitura. No entanto, alguns estudos mostram que o gênero literário pode ser uma experiência significativa no desenvolvimento da competência leitora, o que nos encoraja a adotar tal proposta. Jover-Faleiros (2006) relata que seus alunos puderam chegar mais longe após o trabalho com o texto literário, devido a sua polissemia e a sua capacidade de levar o leitor a construir relações com outros textos. Além disso, segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, o CEFR (2001), a compreensão de textos literários é um fator importante, que determina o nível de compreensão escrita a partir do nível B2 de proficiência no idioma, enquanto a percepção das abstrações presentes nele qualificam o nível C2.

4. Prática de tradução

O exercício de tradução foi realizado com 9 alunos de cursos de graduação em diferentes áreas do conhecimento, cuja maioria não tinha experiências prévias com a língua francesa ao iniciar a oficina. É importante salientar que o curso oferecido tem carga horária total de 20h, distribuídas em dois encontros semanais de 1 hora cada. Durante a oficina, os cursistas tiveram duas oportunidades de ler, interpretar e traduzir textos literários, o primeiro momento voltou-se ao gênero contos de fadas, com o texto *Hansel e Gretel (João e Maria)*, coletado pelos irmãos Grimm, e a segunda oportunidade dedicou-se ao gênero dramático, com o texto *La mort de Tintagiles (A morte de Tintagiles)*, de autoria do poeta-dramaturgo belga Maurice Maeterlinck.

A proposta de atividade trata-se da tradução do segundo ato da peça intitulada *La mort de Tintagiles*. Para isso, os alunos foram contextualizados sobre a peça e a cena pensada para ela, e foram orientados a não fazer uma tradução literal do texto para o português, mas sim uma de sentidos para nosso idioma e cultura. Os cursistas também receberam um glossário de apoio com algumas sugestões de tradução de termos que lhes eram desconhecidos.

Com o resultado da aplicação do exercício, podemos observar algumas divergências entre as escolhas tradutórias em algumas passagens da peça.

O trecho “*Il semblait un peu pâle, un peu souffrant aussi.*” (MAETERLINCK, 1894, p.151) foi traduzido de maneiras diferentes pelos alunos. O aluno 1 optou por “Ele

[1] Comentário: Aqui poderia haver uma breve introdução sobre o teatro simbolista, que é um teatro poético, sinestésico, voltado para a encenação dos estados de alma das personagens... Como embasamento, sugiro o texto da Anna Balakian. Talvez seja possível acessá-lo aqui: <https://pt.scribd.com/document/661246378/BALAKIAN-Anna-O-Simbolismo>

Há um capítulo curtinho sobre o teatro.

[2] Comentário: _Marcada como resolvida_

[3] Comentário: _Reaberta_

[4] Comentário: Prof, não consegui baixar o texto. A plataforma parece ser paga.



parece um pouco pálido, um pouco sofrido também.”. O aluno 2 optou por “Ele parecia um pouco pálido, um pouco indisposto também.”. A aluna 3, no entanto, traduziu como “Ele parece um tanto pálido... também aparenta estar sofrendo do jeito que está se sentindo”. Aqui é importante atentar para a conjugação do verbo “*semblait*” em francês, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, tendo em vista que dois dos alunos optaram por “parecia”, verbo conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, enquanto um dos alunos optou por “parece”, no tempo presente do indicativo. Apesar de sua escolha tradutória divergir do que apresenta o texto em francês, ao considerar o contexto e a virtualização da cena, a escolha pelo tempo presente faz sentido, uma vez que a ação no teatro se atualiza no tempo presente, único, efetivando a ação da personagem naquele instante específico da cena. Além disso, temos a diferença de compreensão do adjetivo “*souffrant*”, em português, sofredor. Enquanto o Aluno 1 optou por “sofrido”, a Aluna 2 optou por “indisposto”, que também é uma tradução possível e se adequa ao contexto da cena. Já o Aluno 3 optou por uma descrição do estado de **sofrimento**.

Outro exemplo interessante a ser analisado é o da expressão “*Qu’y a-t-il?*” (MAETERLINCK, 1894, p.152). O Aluno 2 e o Aluno 4 preferiram “O que é isto?”, enquanto o Aluno 5 optou por “O que aconteceu?”. O Aluno 6 sugeriu “Que foi?”, o Aluno 7 e o Aluno 9, “O que foi?”, o Aluno 8 “Que isso?”, sem a presença do artigo, enquanto o Aluno 3 optou por “O que ele tem?”. Em todos os casos, podemos observar que, apesar da expressão “*Qu’y a-t-il?*” ter seu significado conhecido dos alunos, percebemos que cada um utiliza a maneira que acredita ser mais adequada ao contexto cênico, considerando que se trata de uma expressão utilizada em uma conversa entre duas irmãs, dando margem para traduções que tendem à transposição de um diálogo informal entre duas pessoas.

Também notamos algumas diferenças na tradução da frase “*Je n’ose pas dire ce que je sais...*” (MAETERLINCK, 1894, p.152). O Aluno 2 traduziu como “Não me atrevo a dizer o que sei”. O Aluno 3 optou por “Eu não sei dizer o que há...”, o Aluno 5 “Eu não sei o que dizer”, o Aluno 6 “Eu não posso dizer o que sei”, o Aluno 7 “Não sei dizer se sei...” e o Aluno 8 “Não ousar dizer o que sei”. Notamos que, enquanto alguns alunos preferem manter uma “literalidade” na tradução, outros preferem utilizar-se de uma tradução interpretativa que dê mais fluidez e naturalidade à cena, considerando, ao que parece, a performance teatral contemporânea, desapegada da poeticidade inerente ao movimento artístico ao qual o texto se inseriu no final do século XIX.

O que foi dito no exemplo anterior fica ainda mais nítido em expressões mais curtas, como “*Où ça?*” (MAETERLINCK, 1894, p.153). Enquanto o Aluno 9 escolheu uma referência mais curta, como “Onde?”, o Aluno 3 optou por “Onde foi que aconteceu isso?”.

Outro exemplo semelhante é o da frase “*Qu’as-tu donc entendu?*”, onde os Alunos 7 e 9 traduziram como “O que você entendeu?”, e o Aluno 3 enfatizou o *donc*, traduzindo-o como “O que entendes desta situação, então?”, além de manter o verbo conjugado na segunda pessoa do singular, conservando, ao que parece, traços do texto original, e distanciando-se do uso informal em contexto de fala entre os jovens de sua idade nesta cidade. Porém, os Alunos 5 e 6 cometeram um erro, possivelmente entendendo o “*donc*” como uma negativa, traduzindo-o, assim, por “O que você não entendeu?”.

[5] Comentário: “souffrant” pode ser participio presente, e, na tradução do aluno 3, a descrição do estado de sofrimento, apesar de alongada e intuitiva, faz sentido.

[6] Comentário: Gustavo, aqui não caberia uma tabela com a frase em questão e a listagem de todas as opções tradutórias dos cursistas? O que você acha?

[7] Comentário: Acredito que pela quantidade de elementos que seriam colocados na tabela dificultaria mais a visualização do que ajudaria, mas podemos tentar se você preferir.



Considerações finais

Observamos ao realizar este trabalho que as escolhas tradutológicas dos alunos expressam mais do que a sua experiência em sala de aula, mas também os reflexos da interação de suas vivências individuais em diálogo com o texto literário. Assim, suas escolhas exprimem não só os sentidos do texto, mas também suas impressões sobre a leitura da obra e as expectativas criadas para emitir sua atualização a partir de suas próprias lentes.

Além disso, a presença do teatro simbolista como ferramenta para o aprendizado de língua estrangeira demonstrou-se de grande proveito, tanto por motivos estruturais quanto por sua riqueza polissêmica. A estrutura dramática, que opta pelo diálogo poético como recurso para o desenrolar da cena, evoca um senso de troca, de jogos de palavras. Quando os alunos observam o diálogo no texto dramático, não observam apenas uma interação entre duas vias (os personagens), mas sim, eles também participam do processo de interação. Isso é materializável através do exercício de tradução, uma vez que a abordagem através de uma postura não-passiva com o texto desencadeia além da tentativa de compreensão dos sentidos verbais na língua alvo: a recriação da obra literária através da própria experiência do leitor na língua materna.

Esperamos que futuramente este trabalho encoraje novos professores de FI (Francês Instrumental) a explorar as possibilidades que o texto literário proporciona e seu grande potencial de relações linguísticas, criando relações com diferentes conhecimentos científicos no ambiente universitário.

Referências:

ABREU, Marcella. Bulletin de Français Instrumental (1988-1991) e a legitimação do francês no campo universitário. **Estudos Linguísticos**. São Paulo: Gel, 1978, p.411-424.

CONSELHO EUROPEU. **Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas: aprendizagem, ensino e avaliação**. Lisboa: Edições ASA, 2001.

IRMÃOS GRIMM. **Hansel et Gratel**. Disponível em: <<https://contesdefees.com/conte/hansel-et-gretel/>> Acesso em: 27 set. 2024.

JOVER-FALEIROS, Rita. **A experiência da leitura literária em um curso de francês instrumental**. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-10082007-160046/pt-br.php>>. Acesso em 26 set. 2024.

MAETERLINCK, Maurice. *La mort de Tintagiles*. In: _____. **Trois petits drames pour marionnettes**. Bruxelles: Espace Nord, 2009.